

ALGUMAS BREVES PROVOCAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA COMO ARTE

Márcio Roberto Vieira Cavalcante¹ (Ufac)

Simone de Souza Lima² (Ufac)

RESUMO

Através deste artigo busca-se refletir sobre o ofício do historiador e a relação com seu objeto de trabalho. Procura-se estabelecer uma discussão teórica sobre o sujeito narrador-produtor de uma visão sobre um determinado conhecimento e o uso da linguagem na pretensão da construção de uma “objetividade científica” através da relação história e literatura e história e documento-monumento. Ao mesmo tempo examina-se o processo de *construção-contribuição-dessacralização* das fontes históricas. Acima de tudo, busca-se evidenciar a vontade de verdade do sujeito do conhecimento e o efeito produzido nos leitores. Segundo Margareth Rago (2004), há até pouco tempo, os historiadores estavam convictos que estudavam os fatos, que o passado, no singular, era determinado por “leis necessárias”, estava lá atrás bem organizado à espera de ser ele revelado em sua suposta “essência” e em sua “totalidade”. Que o real deveria ser pensado representado como coisa e que devia ser interpretado com objetividade e neutralidade, isto é, sem a intervenção subjetiva do narrador. No entanto, a relação historiador e objeto de trabalho mudaram e ficaram extremamente complexas. Já que a grande maioria dos historiadores entendeu que a produção do conhecimento histórico é bem mais complexa, envolvendo inúmeras discussões e problematizações. Além da constatação da própria construção discursiva no qual os acontecimentos ganham sentido.

Palavras-chaves: História. Narrativa. Literatura. Arte.

DESAFIOS EM PERSPECTIVA DA HISTÓRIA COMO DISCURSO

O mérito do historiador não é se passar por profundo, mas saber em que simples nível funciona a história. Não ter uma visão elevada ou mesmo realista, mas julgar bem as coisas medíocres (VEYNE, 1982, p. 94).

Neste despretensioso artigo partimos do entendimento de que a História constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo. É que lemos o mundo como um texto, e tais leituras são, pela lógica, infinitas. É fundamentalmente, perceber que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se corresponde ao mundo ou passado reais (PESAVENTO, 2006). Partimos do enten-

¹ Mestre em História Social – Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) / Professor Assistente da Universidade Federal do Acre – Departamento de História – CFCH. (Marcio.rbr_mao@hotmail.com)

² Doutora em Letras pela USP. Professora Titular da Universidade Federal do Acre (Centro de Educação, Letras e Artes). (ssouzalima@gmail.com)

dimento de que a maneira com a qual o historiador tenta entender o passado é crucial para determinar as possibilidades do que a história é e pode ser. Nesse sentido, as interpretações dos historiadores devem ser múltiplas e que o passado que conhecemos é sempre condicionado por nossas próprias visões, nosso próprio presente. Portanto, o que está em pauta nunca são os fatos *per se*, mas o peso, a posição, a combinação e a importância que eles trazem com referência uns aos outros na elaboração de explicações.

Nesse sentido, propomos aqui uma postura metodológica baseada na *montagem cinematográfica*. Ou seja, para construirmos uma narrativa a respeito do passado é necessário recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção. Partir dos cacos da história e fazer com eles uma espécie de montagem, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual nossa história se vale (BENJAMIN, 1985).

Temos a proposta de se apoiar em textos e imagens sobre esse determinado passado. Entendemo-los como traços portadores de significados. Temos a proposta de partir do texto ao intertexto no sentido de revelar o domínio do simbólico e à representação; descrevendo a realidade, observando nos seus mínimos detalhes e correlações de significado possível; temos a compreensão de que o método fornece ao historiador, meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade o caminho percorrido.

Temos a proposta de escrever narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. Nesse sentido, tal história se constitui como discurso. Pois são falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade pesquisada. Como narrativas sobre algo, são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido (JENKINS, 2004). É fundamentalmente, construir presentificação de uma ausência, atributo de toda a representação que, em essência, é um “estar no lugar de”. Ou seja, fazer um esforço de imaginação recompondo, na esfera do mental, imagens e discursos que, associados, presentificam um fenômeno ausente, fazendo-o existir em uma instância temporal que não é nem passado nem presente, mas sim um tempo histórico.

A história que aqui está sendo proposta se confunde em mui-

to com a ficção. Já que corresponde a discursos ou palavras que fazem crer, distanciando-se de uma verdade acontecida. Nossa meta é de que construir a narrativa sobre o passado, animados pela perspectiva de capturar a mutabilidade da experiência humana no tempo, é não recompor a “verdade do acontecido”. Temos a consciência de que a verdade do acontecido é impraticável e irrecuperável, restando ao historiador à tarefa de construir versões o mais possível, aproximadas do que teria acontecido um dia. Logo, o historiador é animado por um desejo de verdade, colocando a veracidade como um horizonte de chegada, mas tendo como resultado uma narrativa verossímil do ocorrido.

Nossa proposta é compreender o outro no tempo, esta deve ser verdadeira finalidade da história, que implica aceitar o desafio do estranhamento. Ultrapassar a distância temporal e cultural do passado, dar inteligibilidade ao que aconteceu por fora da experiência do vivido. Ou, no caso da memória, enfrentar o seu reverso – o esquecimento – e ter em conta que a memória é uma contínua reconstrução, renovadamente a preencher lacunas e vazios com as lembranças de terceiros ou a refazer a narrativa conforme as reavaliações feitas ao longo da existência.

Definimos o termo fictio, na sua acepção positiva e construtiva, como o verossímil, distinto do falso ou do não verdadeiro. Ou seja, remete a um sentido de criação a partir de algo que existe, distanciando o vocábulo de um significado bastante difundido que faz da ficção – e também do imaginário – um sinônimo da não verdade, da fantasia e da pura ilusão. (GINZBURG, 2001)

Estabelecemos uma distância entre a pretensão de objetividade da construção narrativa da história e a realidade do sujeito que escreve que ocupa um lugar social e cultural no mundo, que é portador de um saber e do horizonte de expectativas de sua época. Ou seja, aniquila-se a pretensão da verdade objetiva. Temos a compreensão de que o passado é trazido para o presente, reconstruído, em uma operação imaginária de sentido. Queremos transformar restos do passado em rastros que fornecem indícios do que teria acontecido um dia. Historiadores armam enredos e desfazem intrigas, dão voz a silêncios e preenchem lacunas, atribuem significado às coisas, constroem fatos, delinham personagens e, sobretudo, dão efetividade a um possível, construindo inteligibilidades.

Ou seja, há um processo de seleção, de recorte e escolha, de opções e exclusões para a edificação de uma trama. Da narratividade a seman-

tização, ocorrem deslizamentos metafóricos, que apontam para outros sentidos e para dimensões intertextuais, produzidas pelo autor do texto, articulador da recomposição temporal. Operação de criação, pela linguagem, a escrita e a atribuição de sentido a acontecimentos que se passaram por fora da experiência do vivido e não são mais verificáveis. A operação historiográfica é animada por um desejo de verdade, produzindo resultados de verossimilhança e credibilidade através de um discurso que se legitima pela autoridade da fala, pela lógica de argumentação e da retórica e pelas evidências de pesquisa, como as citações, as notas de rodapé, a bibliografia e o arrolamento de fontes, a desafiar o leitor ainda incrédulo a refazer o mesmo caminho percorrido pelo historiador. Ou seja, textos de história são lidos e recebidos como portadores de realidade. Deles se espera, grosso modo, “a verdade do acontecido”. A leitura, portanto, não se fecha no texto e, na sua abertura para outros possíveis sentidos, se confronta com a busca de mundos análogos para conectar-se. O análogo é um “ser como”, e se inscreve como um discurso comparável, aberto pelas metáforas e pelas categorias da linguagem e do pensamento. (CERTEAU, 1975)

A História moderna ocidental começa efetivamente com a diferença entre o presente e o passado. Desta maneira se distingue também da tradição (religiosa) da qual, entretanto, não conseguirá jamais separar-se totalmente, mantendo com esta arqueologia uma relação de dívida e de rejeição. Finalmente, a terceira forma deste corte, que organiza também o conteúdo das relações do trabalho com a natureza (CERTEAU, 1982, p.14.)

Nossa proposta é construir uma narrativa que se aproxime da literatura, já que, a nosso ver é extremamente profícuo estudos sobre o imaginário, que abrem uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados. É uma atividade do espírito que extrapola as percepções sensíveis da realidade concreta, definindo e qualificando espaços, temporalidades, práticas e atores, o imaginário representa também o abstrato, o não-visto e não-experimentado. Apenas parte-se do pressuposto de que este real é construído pelo olhar enquanto significado, o que permite que ele seja visualizado, vivenciado e sentido de forma diferente, no tempo e no espaço.

A história que propomos se confunde com a literatura, já que corresponde a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de traço de permanência ancestral. O que nos interessa é discutir o diálogo da história com a literatura, como um caminho que se

percorra nas trilhas do imaginário. Para enfrentar esta aproximação entre estas formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo, é preciso assumir posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que relativizem a dualidade verdade/ficção (PESAVENTO, 2006).

Fazemos tal proposta, pois percebemos, tal como afirma Veyne, que a História é eventos reais que têm o homem como ator. A história é uma narrativa de eventos. Nesse sentido, como o romance real, a história seleciona, simplifica, organiza, faz um século caber em uma página. A história, segundo Paul Veyne, é, em essência, conhecimento por meio de documentos. E que a banalidade do passado é feita de pequenas particularidades insignificantes que, ao se multiplicarem, acabam por compor um quadro bem inesperado (VEYNE, 1988).

A história é anedótica, muitos já o disseram, inclusive Foucault. Ela interessa porque narra, assim como o romance. No entanto, o campo da história é, pois, inteiramente indeterminado, com uma única exceção: é preciso que tudo o que nele se inclua tenha, realmente acontecido.

O teatro da história faz o espectador sentir paixões que, sendo vividas intelectualmente, sofrem uma espécie de purificação; sua gratuidade torna vão qualquer sentimento não-político. Não se trata de, evidentemente, de uma lição de sabedoria, já que escrever história é uma atividade de conhecimento e não uma arte de viver; é uma particularidade curiosa da profissão de historiador (VEYNE, 1988).

Neste trabalho partimos da constatação de que tudo é histórico e que a história é senão respostas as nossas indagações.

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acaso; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa (VEYNE).

Utilizaremos a palavra trama para lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou romance. Temos a (cons)ciência de que os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos livremente na realidade. Entendemos que escrever história é uma atividade intelectual e que o conhecimento do passado não é um dado imediato, a história é um domínio não pode haver in-

tuição, mas somente reconstrução, e onde a certeza racional dá lugar a um saber real cuja fonte é estranha à consciência.

A história não é uma ciência, e seu modo de explicar é de “fazer compreender”, de contar como as coisas se passaram; o que não resulta em algo substancialmente diferente do que faz, cada manhã ou cada dia, nosso cotidiano (VEYNE).

HISTÓRIA COMO NARRATIVA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O impulso de narrar, segundo Hayden White (1990), é próprio da natureza humana. E é por meio dele que substituímos incessantemente a significação pela copia direta dos acontecimentos relatados. Temos o esforço de descrever linguisticamente o mundo, quando o fazemos temos a tendência de sermos preconceituosos e etnocêntricos. É a narrativa que anula tal possibilidade. Os historiadores não têm que narra suas verdades em forma de narrativa. Podem optar por outras formas de representação. É certo que há distinções sobre discurso histórico que narra e outro que narrativiza. Ou seja, um discurso que adota abertamente uma perspectiva que olha o mundo e o relata e um discurso que finge fazer falar sobre o próprio mundo. A narrativa deve ser considerada menos uma forma de representação que uma forma de falar sobre os acontecimentos reais ou imaginários.

O que se propõe é que o valor atribuído a narrativividade da narração de acontecimentos reais surge do desejo de que os acontecimentos reais revelem a coerência, integridade e plenitude e que feche uma imagem da vida que é e só pode ser imaginária. E que quando se propõe construir uma narrativa sobre o passado seja necessário construir sim juízos morais, mas sem a interferência de saberes exteriores e foraneos sobre o real.

É fundamentalmente, perceber que narrativa e historiografia guardam em seu interior uma profunda intimidade. Tal como Homero, o poeta inefável de uma odisséia impossível, queremos reconhecer a dimensão narrativa do saber produzido pela história. E que queremos produzir uma história do acontecimento, onde o historiador possa narra os acontecimentos de forma livre e fluida, sem as determinações equivocadas de analisar as estruturas.

Queremos estabelecer que toda a história escrita necessariamente assume algum tipo de forma narrativa, isso não que dizer que tal história peque pela falta de descrição e análise. Não queremos com isso estabelecer uma

significativa mudança entre o modo analítico para o descritivo da escrita da história. Mas sim, que os historiadores não deveriam considerar as estruturas mais seriamente que os acontecimentos. Já que a função do historiador é contar uma história. Nesse sentido, não podemos perder de vista o acontecimento. Não queremos com esta narrativa que estar sendo proposta passar por cima de aspectos importantes do passado. No entanto, é perceber que a análise das estruturas, por si só, é estática e, em certo sentido, não-histórica. Propomos essa operação historiográfica baseada na narrativa no sentido de fugirmos de reducionismos e determinismos, que tanto vêm prejudicando o desenvolvimento da disciplina.

Chega o momento de investigar a possibilidade de encontrar um modo de escapar a este confronto entre narradores e analistas. Mas, fundamentalmente, perceber cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz o que realmente aconteceu, seja ele analítico ou narrativo. É propor uma escrita da história que construa uma narrativa densa o bastante, para lidar não apenas com a seqüência de acontecimentos e das interações conscientes dos atores nesses acontecimentos.

A micronarrativa parece ter vindo para ficar; cada mais historiadores estão se voltando para essa forma. Mesmo assim, seria um erro encará-la como uma panacéia. Ela não apresenta uma solução para todos os problemas delineados anteriormente... (Burke, 1992)

ENTRE O “POETA” E O “HISTORIADOR”³

“Historiadores não contam histórias”, historiadores constroem uma visão sobre um acontecimento em um determinado tempo histórico. A história tem uma profunda ligação com a memória, o historiador como sujeito da narrativa precisa se apegar a um fato real para realizar seu trabalho, precisa de narrativas que em muitos casos se apresentam através memória, esta que constrói monumentos revelando a existência de um acontecimento através de uma narrativa capaz de resistir ao tempo para conferir ao acontecimento sua veracidade, a memória apresenta-se como a instancia reveladora da existência de um acontecimento, porém a memória é seletiva ela define os objetos dignos de presença na narrativa, apresentados geralmente de acordo com sua grandeza e admirabilidade diante disto a memória não perde seu valor social, pois apresenta publicamente a narrativa de feitos coletivos grandes e admiráveis. História é uma das modalidades da memória criadas pelo homem.

³ Título do texto de ALCMENO BASTOS, Doutor em Letras (Teoria Literária). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

Quanto à poesia, não é tarefa de o poeta narrar o que aconteceu ele costuma narrar o que poderia ter acontecido. A história se propõe a apresentar o acontecimento enquanto que a poesia se propõe a apresentar a possibilidade do acontecimento, o que poderia ter acontecido. A poesia apresenta-se de forma mais geral e mais profunda e filosófica discorre sobre o geral enquanto que a história tende sempre a cair no específico e particular. A poesia não é algo irreal, o poeta a produz a partir de suas experiências vividas.

Quando a história se produz a partir da memória, fica evidente uma relação conflituosa entre narrativa, ficcionalidade e subjetividade, pois estes elementos de certa forma impossibilitam o resgate da verdade do acontecimento afastando assim a razão, elemento tão almejado pela história. A narrativa é capaz por estar intimamente atrelada a memória é capaz de produzir engano na História, em uma sociedade tradicionalmente grafada, as palavras (narrativa) produzem desconfiança a palavra, a palavra falada exigiu o documento escrito como prova de sua veracidade, assim sendo, “historiadores não contam histórias”, a história não e falada é escrita. Ter visto ou ouvido falar sobre algo produz desconfiança na história, pois a mesma exclui a oralidade, a visão e a audição de sua estrutura.

No caminho aleatório e clandestino a literatura acolheu os cinco sentidos, a memória e a narrativa. Desde então a expressão do “eu” é totalmente autorizada não importando se este “eu” é o “outro”. Na poesia não há uma busca pelo imaculado, prevalece o “fingimento” de um “mundo inventado” pela ficção. Paradoxalmente, na relação com o conhecimento literatura e história se excluem e se incluem. Diante da impossibilidade de produzir verdades e realidades a história afirma-se pela incerteza. Na história a verdade é uma mentira, na literatura a arte é uma verdade. O conhecimento, arte essencial para vida é uma arte que esta sempre buscando a verdade. A verdade racional e tecnicista não é uma linguagem para a vida, o belo e o admirável combinam melhor com a verdade da arte, mas o conhecimento é uma arte que se envergonha de ser arte, que se engana buscando o racionalismo.

A narrativa literária e a narrativa histórica insistem embora divorciadas caminham lado a lado. A literatura afasta de si a verdade tão reverenciada pelos historiadores, historiadores, também contam histórias e estórias, mas nem sempre da perseguição sofrida pela ficcionalidade durante tarefa de produzir uma história coerente e linear. Existe uma grande diferença entre a ma-

neira que o historiador e o poeta lidam com o acontecimento, a narrativa poética sempre apresenta uma identidade histórica embora tendo o mito como seu componente constitutivo essencial, a história por sua vez, tende a relacionar-se com a verdade e com a razão, mas a veracidade do fato não exclui a narrativa poética. Tanto poesia como história são ações dos homens.

História e poesia estão sempre competindo no processo de produção e domínio do conhecimento. O historiador sempre negligencia a investigação da verdade aceita normalmente verdades tradicionais que se inclinam para o que já estão posto o creditam que se dá a tais verdades é mérito unicamente na crença e não da razão, aproximando-se assim do mito, instrumento de trabalho do poeta. Portanto o passado é situado no terreno da crença e não no terreno da razão. Escrever sobre o passado requer o domínio do tempo, um discurso sobre o passado é carregado da ilusão da totalidade e veracidade. Aspirando a convicção, portanto as narrativas de certa forma sacrificam a verdade. Desta forma, a crença do mito cede espaço para a verdade da razão. Tanto a poesia como a história apresentam a possibilidade de estabelecer um conhecimento sobre as distintas categorias temporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui construídas podem ser encaradas como monumento e não como o reflexo do real, tal como alguns historiadores propõem. Perceber que o documento não é reflexo do acontecimento, mas que é ele mesmo outro acontecimento, isto é, uma materialidade construída por camadas sedimentadas de interpretações: o documento é assim pensado arqueologicamente como ‘monumento.

Monumentos, a herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. Nesse sentido O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. Já os documentos que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento.

Pode-se, então, falar de um triunfo do *documento* sobre o *mo-*

numento. O que distingue a língua monumental da língua documental é “esta elevação, esta verticalidade” que a gramática confere a um documento, transformando-o em monumento. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica. (LE GOFF, 1990).

A história se faz com idéias, com fontes e com imaginação (como a literatura de ficção), portanto os protagonistas do conhecimento histórico são o historiador e os documentos-monumento, o monumento-documento é subordinado ao historiador, as investigações históricas não dependem somente dos documentos-monumentos dependem também do historiador que escolhe as fontes e define o momento de dialogar com as mesmas, escolhe a reflexão metodológica, e até de certa forma delimita as interpretações do acontecimento, as escolhas do historiador são fruto de sua relação com o monumento é ele que de certa forma dá sentido ao acontecimento.

O papel do historiador é descobrir e construir a fontes históricas, ele não constrói o passado, ele dialoga com o passado como um sujeito do presente, portanto apenas constrói uma visão do passado. Neste processo de construção do conhecimento é necessária a dessacralização das fontes (documentos-monumentos), pois elas tendem a ocultar o historiador no processo, elas não falam por si, estão subordinadas ao historiador, da mesma forma, que o historiador necessita delas, pois alguns conhecimentos nascem diretamente do monumento. É responsabilidade do historiador no processo de produção do conhecimento abandonar a ambição da construção de uma história geral.

Hayden White critica a distinção entre real e ficção, como não existe reprodução fiel dos fatos acontecidos em um determinado momento passado, o fato histórico é uma escolha do historiador, a história é uma construção que pode ter maior ou menor compromisso com a evidencia ou com a subjetividade. A história esta relacionada com o espaço e o tempo em que vivem seus narradores

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990
- _____. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014.
- _____. **A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- CERTEAU, Michel de. **L'écriture de l'histoire**. Gallimard: Paris, 1975.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. **A ordem do Discurso**. Graciano Barbachan, 1970.
- Ginzburg, Carlo. **Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a Distância**> Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.
- Le Goff, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA.,1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. **Sociabilidade, Justiça e Violência: práticas e representações culturais no cone sul (século XIX e XX)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- _____. **História e Literatura: uma velha-nova História**. Nuevo Mundo Mundo Nuevos. Debates, 2006.
- _____. **Palavras para Crer. Imaginários de sentido que falam do passado**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. **El Contenido de La Forma. Narrativa, discurso e representación histórico**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.
- VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.